



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9933 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A produção das culturas infantis sob uma perspectiva interseccional em uma creche litorânea
Vivian Colella Esteves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A PRODUÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS SOB UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL EM UMA CRECHE LITORÃNEA

Resumo

O presente trabalho apresenta uma dissertação de mestrado em andamento, tendo como objetivo analisar os marcadores sociais da diferença gênero, raça, classe social e idade, na produção das culturas infantis de crianças de 1 ano de idade em uma creche pública do litoral norte de São Paulo. Apoiada nos pressupostos da Pedagogia da Infância e da Sociologia da Infância, com o auxílio de um diário de campo, a etnografia na creche possibilitou analisar as relações entre as crianças, com as pessoas adultas e com o ambiente. Utilizando a interseccionalidade como ferramenta teórico-metodologia de pesquisa, foi possível fazer uma análise reflexiva dos episódios do campo considerando os marcadores sociais, apontando para a necessidade da construção coletiva de um projeto político pedagógico que contemple as especificidades das crianças pequenininhas, e para a importância de um trabalho intersetorial que tenha a qualidade na Educação Infantil como pauta, principalmente em tempos de pandemia.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Culturas Infantis; Crianças Pequenininhas; Infâncias; Interseccionalidade.

Entrelaçar prática e pesquisa foi o que deu início ao mestrado em Educação, essa indissociabilidade constitui uma das questões centrais do desenvolvimento deste trabalho. A vivência como docente traz questionamentos que o cotidiano da creche não dá conta de suprir, as indagações construídas enquanto professora de Educação Infantil de uma creche pública do litoral norte de São Paulo, acabaram tomando o rumo da academia.

Enquanto professora pesquisadora, entendendo que toda vivência que nos cerca não é neutra, nossas escolhas são políticas e nosso corpo é político, também apresento a perspectiva de uma professora pesquisadora lésbica feminista na Educação Infantil, colocando em xeque a educação conservadora que reproduz preconceitos, estereótipos e diversas opressões no contexto da creche. O que leva a questão central: como os marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, classe social e idade, impactam na produção das culturas infantis e nas relações das crianças pequenininhas na creche litorânea?

Segundo a Sociologia da Infância, a criança é entendida como um ser ativo na construção da sociedade, a infância é considerada em sua pluralidade, como categoria social e histórica, com toda sua complexidade, enquanto um meio social para a criança, não sendo apenas um oposto da vida adulta, como se estivesse em outro extremo, mas sim possuindo um espaço próprio (QVORTRUP, 2011; ABRAMOWICZ, 2018).

Ao localizar a criança enquanto protagonista, reconhecendo suas especificidades, as crianças são entendidas como produtoras de culturas infantis, sendo estas um “[...] conjunto de relações em que as crianças têm oportunidade de manter contatos pessoais e de interagirem socialmente com outras crianças” (FERNANDES, 2004, p. 207). Apoiada nos pressupostos da Pedagogia da Infância, a partir das culturas infantis é possível compreender novas formas de olhar para a infância (PRADO, 2006), destacando assim, a importância de uma pedagogia específica para a educação das crianças pequenininhas (ROCHA, 1998).

As crianças como ativas na sociedade, também estão dentro dos sistemas de opressão, ou seja, dos mesmos sistemas sociais que as pessoas adultas. A perspectiva interseccional advinda do movimento de mulheres negras é utilizada na pesquisa enquanto ferramenta teórico-metodológica. “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Retomando a questão de não existir neutralidade nas práticas, a pesquisa sob este aporte faz com que os marcadores sociais sejam levados em conta durante as análises.

Considerando a indissociabilidade prática/pesquisa, um levantamento bibliográfico no repositório de teses e dissertações da Capes teve como resultado os seguintes números de pesquisas a partir das palavras-chave: 127 para culturas infantis, 25 para corpo infantil e nenhuma pesquisa para creche litorânea. Foi possível perceber a importância de localizar o estudo em uma creche do litoral, para não ser uma abordagem que desconsidera o contexto que as infâncias vivenciam, e para aprofundar a questão da infância caçara nas pesquisas, além da contribuição de mais pesquisas na área das Ciências Humanas e Educação, pois a maioria dos resultados encontrados são da área da Saúde e da Psicologia.

Filtrando por pesquisas realizadas nos últimos 10 anos na área das Ciências Humanas e Educação, e que realizaram uma etnografia com crianças pequenininhas em creche pública, foram analisados 5 estudos no total (SILVA, 2010; PEREIRA, 2011; ALESSI, 2017; LOFFLER, 2019; SANTIAGO, 2019). O diálogo entre essas pesquisas e o presente trabalho, possibilitou refletir sobre a importância de relacionar as pesquisas com o contexto da cidade, atentando-se a uma metodologia que contemple as especificidades e pluralidades das infâncias, compreendendo a necessidade de um questionamento permanente acerca da postura enquanto pesquisadora em campo, refletindo sobre a ética e a metodologia da pesquisa com crianças pequenininhas.

Refletindo sobre a pesquisa de campo, recorri a alguns autores da Antropologia (DA MATTA, 1974; VELHO, 1978; GEERTZ, 2013), compreendendo assim que a pesquisa etnográfica com o auxílio de roteiro prévio e um diário de campo, possibilita vivenciar o cotidiano de perto, descrever e analisar densamente as situações. Os procedimentos metodológicos, também inspirados no olhar de *Palomar* (CALVINO, 1994), demonstram a importância do olhar ao contrário, como um telescópio invertido, num exercício do olhar voltado para as minúcias.

É fundamental considerar que a aprovação do Comitê de Ética e das pessoas responsáveis pelas crianças, não torna a pesquisadora e o desenvolvimento da pesquisa em campo como completamente aceitos. As crianças enquanto protagonistas, participaram dessa aprovação, dando seu consentimento a partir de diversas expressões: pedindo colo, chamando

para brincar com elas, interagindo desde o primeiro dia de maneira que vínculos foram estabelecidos, e assim a aceitação e participação efetiva naquele espaço.

Brevemente contextualizo que a cidade da pesquisa é a menor da região do litoral norte paulista; mesmo sendo destaque em questões econômicas se comparada aos municípios próximos, apresenta números precários em relação ao saneamento básico e pessoas em situação de pobreza; apesar de pouco mais da metade da população se autodeclarar branca, a creche investigada está localizada num bairro em que a maioria se declara parda, sendo este um dos mais populosos da cidade (IBGE, 2010).

Contextualizando as participantes da pesquisa, a turma é composta em sua maioria por crianças negras (heteroidentificação), sendo 5 meninos e 5 meninas a partir de 1 ano de idade, a professora e as auxiliares da primeira infância se autodeclararam: 1 preta, 2 brancas e 1 amarela.

A partir deste cenário, destaco a interseccionalidade enquanto ferramenta teórico-metodológica na pesquisa, utilizando essa perspectiva principalmente na análise reflexiva do diário de campo, considerando que:

Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 117).

Segundo Davis (2016), não há hierarquia entre as opressões, mas sim intersecções entre as categorias, as situações perpassam pelas relações de gênero, raça, classe social e idade, impactando nas experiências das crianças pequenininhas. Esses marcadores sociais se interseccionam em campo, o gênero marca não só as mochilas e vestuários que reproduzem estereótipos, como também as falas e práticas das pessoas adultas, na divisão e oferecimento de determinados brinquedos, na estrutura heterossexual vigente, na interrupção ou indiferença de momentos de sensibilidade dos meninos, interseccionando com as relações racializadas na creche, em que um menino negro é colocado no lugar de criança violenta por morder, sendo punido excluído do grupo, nas práticas em que as crianças são impedidas de movimento livre, com brinquedos limitados e com extrema vigilância dos espaços, entre outros episódios.

Ao observar como esses marcadores impactam na produção das culturas infantis e estão presentes nas relações na creche, é possível perceber o quanto a organização dos espaços, materiais e tempos, e toda estrutura que organiza a creche, é construída pela lógica adultocêntrica. A pedagogia que não contempla as particularidades e pluralidades das infâncias, tende a engessar a Educação Infantil em práticas escolarizantes, sexistas, racistas, classistas e adultocêntricas, ou seja, uma educação que não considera as diferenças, (re)produzindo desigualdades.

Essa estrutura vigente na creche demonstra a emergência de construir um projeto político pedagógico para criar relações mais plurais e horizontais, visando uma educação libertadora. Não só as práticas das pessoas adultas, mas toda composição do ambiente deve ser pensando na Educação Infantil, pois sendo generificados, limitados e extremamente vigiados, acabam funcionando como dispositivos disciplinadores desde a primeira etapa da educação básica.

Ainda que esses sistemas de opressão impactem na produção das culturas infantis, as crianças pequenininhas transgridem e resistem. Em campo, foi possível vivenciar situações em que as crianças ressignificavam os espaços mesmo limitados, apesar de encontrarem barreiras para se relacionar com o próprio corpo e de se relacionar com as outras crianças,

conseguiram transcender essas barreiras impostas, transgredindo desde em relação ao espaço e ao tempo controlado, à resolução autônoma de seus conflitos e aos vínculos das amizades.

Até aqui as análises apresentadas são antes da pandemia da COVID-19, o trabalho de campo iniciado em 2020 foi interrompido subitamente em meados de março. Essa interrupção lançou novas reflexões à pesquisa, bem como uma adaptação pela continuação do campo de forma remota. Esse acompanhamento à distância demonstrou que as políticas públicas não consideram as especificidades das crianças pequenininhas, sendo as orientações municipais oficiais voltadas quase em sua totalidade para práticas e atividades escolarizantes e na divulgação do Centro de Mídias da Educação de São Paulo.

A pesquisa tem feito esse acompanhamento, não só das estratégias municipais voltadas à educação, como do alarmante e crescente número de mortes no país ante um governo irresponsável e negacionista. Sob a perspectiva interseccional, foi possível analisar esse novo cenário de forma que as opressões de gênero, raça, classe social e idade continuaram gritantes: as mulheres negras são as mais atingidas e sobrecarregadas, o alto índice de desemprego, o Brasil voltando ao mapa da fome, as crianças desamparadas pelas políticas públicas, demonstram novamente como funciona esse sistema de opressões.

Considerando as análises da pesquisa vivenciada de forma presencial e remota, é possível apontar para a necessidade da construção coletiva de um projeto político pedagógico que contemple as especificidades e diversidade das crianças pequenininhas, como para a importância de um trabalho intersetorial que tenha a qualidade na Educação Infantil como pauta.

Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 8, n. 2, jul.- dez., p. 371-383, 2018. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/653>>. Acesso em: 15 maio 2020.

ALESSI, Viviane Maria. *As Linguagens dos Bebês na Educação Infantil: diálogos do círculo de Bakhtin com Henri Wallon*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CALVINO, Ítalo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. DOCUMENTO PARA O ENCONTRO DE ESPECIALISTAS EM ASPECTOS DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL RELATIVOS AO GÊNERO. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. *Publicações do programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional*, 1974. p. 01 – 19. Disponível em: <<http://www.ppgasmn-ufjf.com/uploads/2/7/2/8/27281669/c1.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FERNANDES, Florestan. As Trocinhas do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. *Pro-Posições*. v.15, n.1 (43), p. 229-250, jan. -

abr., 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, 2010.

LOFFLER, Daliana. *Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PEREIRA, Rachel Freitas. *As Crianças Bem Pequenas na Produção de suas Culturas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Acesso em: 05 maio 2019.

PRADO, Patrícia Dias. *Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da Educação Infantil*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

QVOTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como fenômeno social”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan. - abr. 2011.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia*. 1998. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

SANTIAGO, Flavio. *Eu quero ser o sol! (re)interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0–3 anos em creche*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SILVA, Andressa Joseane da. *A organização dos espaços na educação infantil e sua influência na expressão cultural das crianças de 0 a 3 Anos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Nunes, Edson Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 123-132.